



nara roesler

bruno dunley
pequenas alegrias
nara roesler rio de janeiro

abertura
18 abril, 2024

exposição
18 abril – 1 de junho, 2024

sobre *pequenas alegrias*
de bruno dunley
pedro frança

Durante o último ano, Bruno Dunley produziu cerca de 50 pequenas pinturas além de dezenas de papéis. A mesma quantidade de pinturas permanece inacabada. A ausência de obras de grande formato fez de 2023 um ano atípico em sua trajetória. Essa restrição não foi inicialmente planejada ou realizada de forma sistemática. Iniciou-se como um exercício modesto em um momento de cansaço e acabou se transformando naturalmente em um projeto. Mas qual era o propósito desse projeto?

Há momentos em que, por motivações internas e/ou externas, artistas se propõem a entrar em uma espécie de órbita retrógrada, como a trajetória de Mercúrio: assumem uma pausa, uma atitude ruminante, revolvendo o lodo do passado, misturando as camadas temporais. São momentos de resgatar problemas que ficaram para trás, de pôr lado a lado gestos e intuições separadas por muitos anos, aparentemente desconexas até que sua coexistência nos mostre que algo misterioso as pode juntar. Essas atitudes de revisão são fundamentais nos processos de trabalho, geralmente respondendo a momentos de crise. Não sabendo o que fazer, pode-se não fazer nada... mas também pode-se fazer tudo, e inclusive refazer. Na trajetória de Bruno, *Pequenas Alegrias* tem origem em uma série de desenhos feitos durante um período de impasse e imobilidade, em 2014. Naquele momento, os rabiscos inspirados na visita às pinturas rupestres da Serra da Capivara foram uma maneira de recolocar o desejo em movimento. Não era só o caráter imediato do desenho, mas também a evocação dos gestos primevos que fazem aparecer uma imagem na pedra, que

exaltam nossa vontade de marcar e representar. Já em 2023, o novo conjunto de *Pequenas Alegrias* parece o resultado de um exercício autocrítico, da atitude teimosa de uma obra a perguntar-se: “Do que sou feita? O que quero?”.

No conjunto de pequenas pinturas, encontramos signos que atravessam a produção de Bruno há 15 anos: o burrinho desenhado com traços infantis, suscitando a pergunta sobre a origem dessa imagem; as marcas de fita prateada e a sugestão de um desenho apropriado de alguma fotografia (*Janela; Noturna*); a evocação da pintura rupestre e de signos gráficos primordiais (*Formiga; Sol; Aquela*); a pintura de fragmentos de outras pinturas (*Vaso*), uma certa evocação de cores e formas obsoletas e esmaecidas (*Papelaria; Nuvem*); a digestão de uma geometria doce característica de um tipo de modernismo brasileiro (*Luar; Campo Aberto*), uma certa brutalidade nervosa de gestos curtos (*Passagem; Desenho*) e a exploração do monocromo (*Monocromo Paisagem, Xerox*). Todo esse repertório não é, em si, coerente ou incoerente; são atitudes ou estratégias que convivem na obra de Bruno, compõem sua constelação particular. Mas aqui, com as pinturas unificadas pela regularidade dos tamanhos, as artimanhas acumuladas ao longo dos anos coexistem e são colocadas à prova. Portanto, *Pequenas Alegrias* é um exercício de fazer, escolher e organizar. As pinturinhas justapostas nos convidam a indagar em que medida elas rimam e em que medida destoam, num exercício que nos obriga a sustentar, na língua do olho, gostos dissonantes.

Por isso, nos últimos meses, com boa parte das obras concluídas, o estúdio de Bruno se tornou uma ilha de edição. Duas paredes se transformavam diariamente. Cada dupla ou trio ressaltava aspectos específicos de seus componentes, por contraste ou semelhança. Pinturas de superfície mais brilhante elogiavam sua vizinha opaca e tênue (como na dupla *Papel Amassado e Xerox*) e figuras explícitas realçam o silêncio das abstrações. Às vezes, acontecia o contrário, quando pinturas semelhantes justapostas gritam suas singularidades. Meu exemplo favorito, logo na parede de entrada da galeria: a alegria luminosa do *Sol* contrasta com a sobriedade dos *Monocromos* ao seu lado, como dia e noite. No entanto, passado um tempo, chegando perto, vemos esses polos se inverterem, dando lugar à euforia nervosa do monocromo e à distante opacidade do *Sol* de evocação rupestre. O olhar, mais facilmente que o discurso, permite a convivência simultânea daquilo que, expresso em palavras, seria francamente contraditório.

Politicamente, socialmente, psiquicamente, importa cada vez mais que saibamos fazer conviver contradições, sustentar incertezas e paradoxos, aguentar o desconforto de compartilhar problemas não resolvidos. Mas pode a arte ser um exercício desse tipo, que nos ajude a sustentar as dúvidas antes das afirmações? Essa é uma aposta de Bruno, e acho que devemos considerá-la. Porque esta não é uma aposta que o artista faça apenas no ateliê. Sua prática no mundo abre-se para atividades em posições diversas no meio da arte. Cito três: atividades pedagógicas (que exerce em contextos diversos desde muito novo), militância política envolvendo oficinas e diálogos do campo

da arte com instâncias de elaboração de políticas públicas (como no projeto *Ali:Leste*, que ajudou a fundar) e a produção e comercialização de tintas (a *Joules & Joules*, que começou, em 2020, junto ao amigo e artista Rafael Carneiro. Seus produtos ajudaram a sustentar a prática de inúmeros artistas diante da situação econômica dos últimos anos).

Essas atividades não se fundem com a prática solitária da pintura, mas a contaminam: a pesquisa sobre as tintas nasce da ressaca após uma individual (*Virá*, Galeria Nara Roesler, São Paulo, 2020). Fabricar o próprio material desacelera e intensifica a relação com o exercício da pintura, ajudando a desarmar a armadilha cosmética que aproxima o fazer e o consumo. O conhecimento adquirido nos últimos anos aparece em *Pequenas Alegrias* na diversidade de superfícies, nas variações das opacidades e dos preparos; cria complexidade nas composições mais simples e enriquece o jogo da memória que Bruno agora nos propõe. A série de obras mostra que o conhecimento nunca é um problema para quem não confunde prática e teoria. Já as ações na esfera pública têm a ver com o reconhecimento dos limites da arte na transformação da realidade, e portanto com a urgência de conciliar o saber de artista com a militância que qualquer pessoa pode exercer. As atividades políticas e pedagógicas ajudam a reforçar o significado de uma prática artística que precisa friccionar-se com o mundo real para entender que pode ser um gesto em si, capaz de sustentar seu aspecto misterioso e antidiscursivo. Referindo-se a essa vida dentro e

fora da pintura, Bruno afirma precisar das duas coisas, nenhuma delas sozinha sendo bastante.¹

Em 2008, a obra de Bruno ganha visibilidade participando de uma geração que trazia a força de uma figuração industrializada, pré-fabricada, digital. Uma obra que consolidou-se recolhendo e reciclando símbolos da história e da cultura, agora dobra-se sobre si mesma, sobre suas escolhas e inclinações. O que sobressai disso, e o visitante pode comprovar, é sua dimensão mais constitutiva e também a mais trivial: o carinho pelo fazer das coisas, a atenção a cada gesto, cada marca, a expressão dos meses de espera entre uma camada e outra, a digestão lenta de um repertório acumulado, encontrado e cultivado em quase 20 anos de dedicação à difícil e absurda atividade de depositar, por prazer e para o prazer, minério e gordura sobre pedacinhos de pano.

¹ Bruno comenta, em conversa de 2020: “Comecei a olhar para dentro das questões sobre pintura, sobre ser artista e pensei “cara, que preocupações são essas?”. A sociedade estava e está em um movimento tão brusco e tosco que essas questões ganharam outro lugar em mim. O golpe de 2016 foi tão absurdo que esse sentido de liberação se acelerou e se instalou fortemente no meu trabalho. De alguma maneira, tentei lidar com essa coisa turva da capacidade humana de produzir algo aterrorizante e asqueroso, mas, apesar de ter produzido trabalhos de que gosto muito, acredito que falhei. Não dá para nomear e disputar isso no plano da minha linguagem.” (Bruno Dunley, Alexandre Wagner e José Augusto Ribeiro; Conversas sobre *Virá* link: <https://brunodunley.com.br/#conversas-sobre-vira>)



Sol, 2023
tinta óleo, pastel oleoso e
gel espessado sobre tela
40 x 35 cm





Vaso, 2023
tinta óleo e alumínio sobre tela
30 x 20 cm

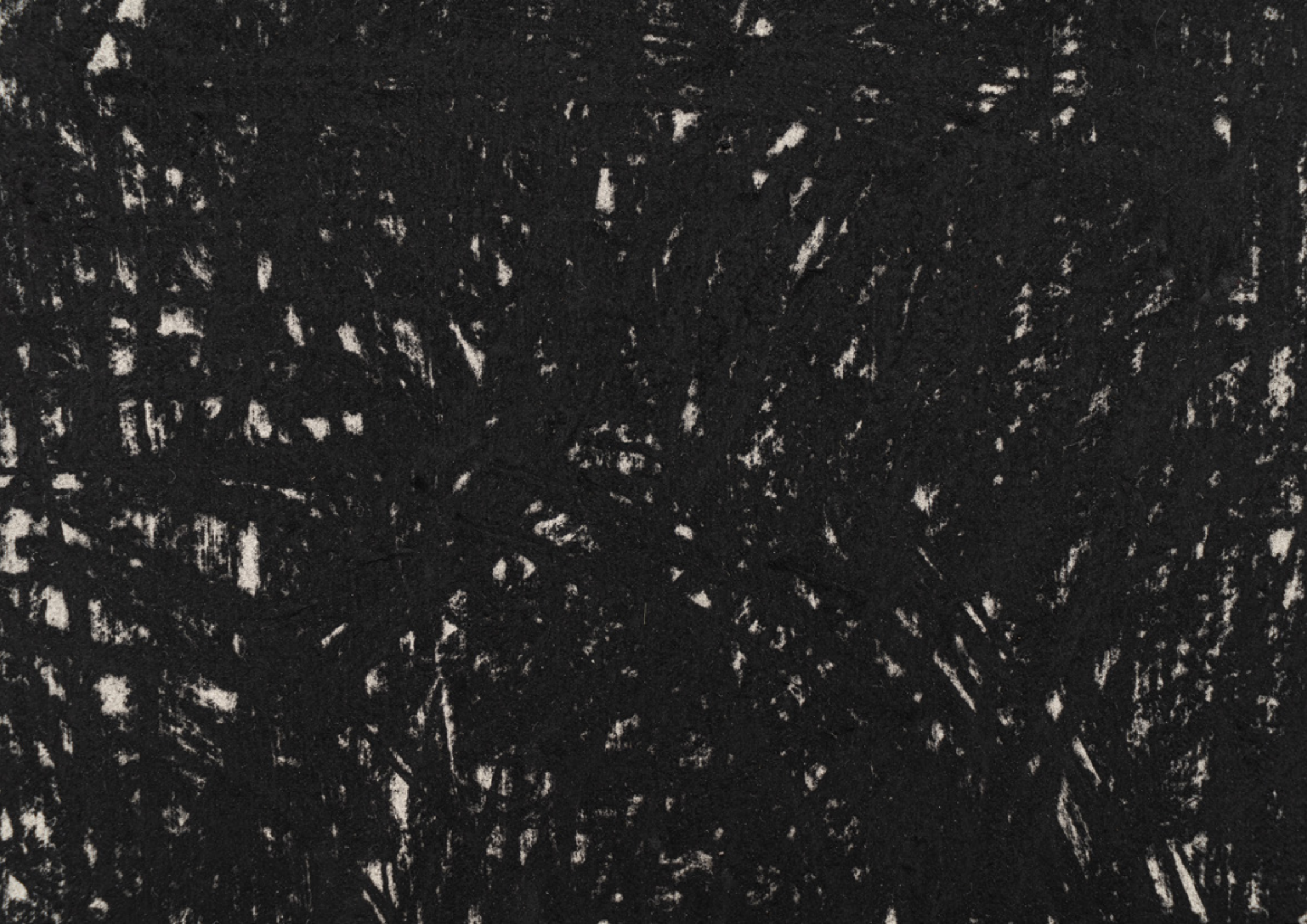




Burro, 2023
tinta óleo sobre tela
20 x 30 cm



Desenho, 2023
carvão sobre tela
30 x 20 cm





Cat, 2023
tinta óleo sobre tela
30 x 20 cm





Formigas, 2023
tinta óleo, carvão, pastel oleoso
e gel espessado sobre tela
35 x 40 cm

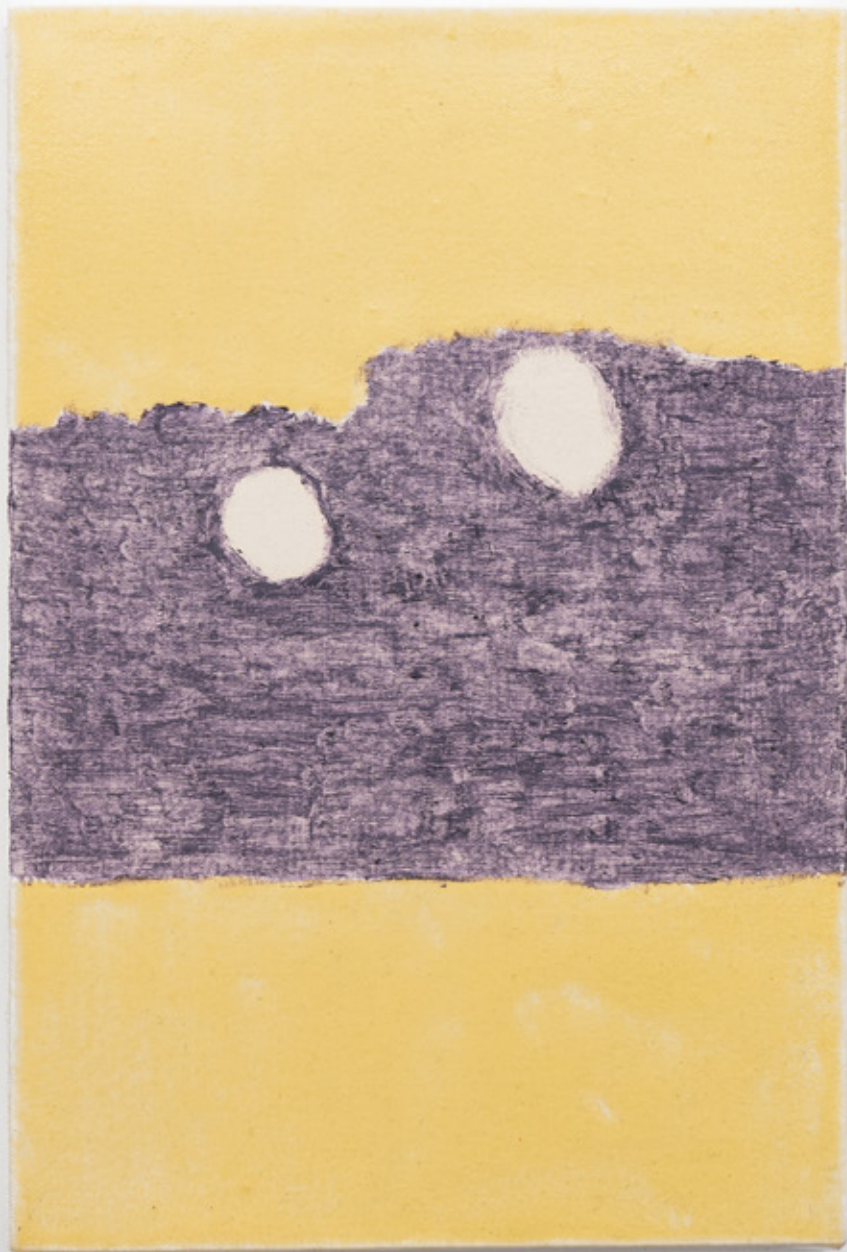




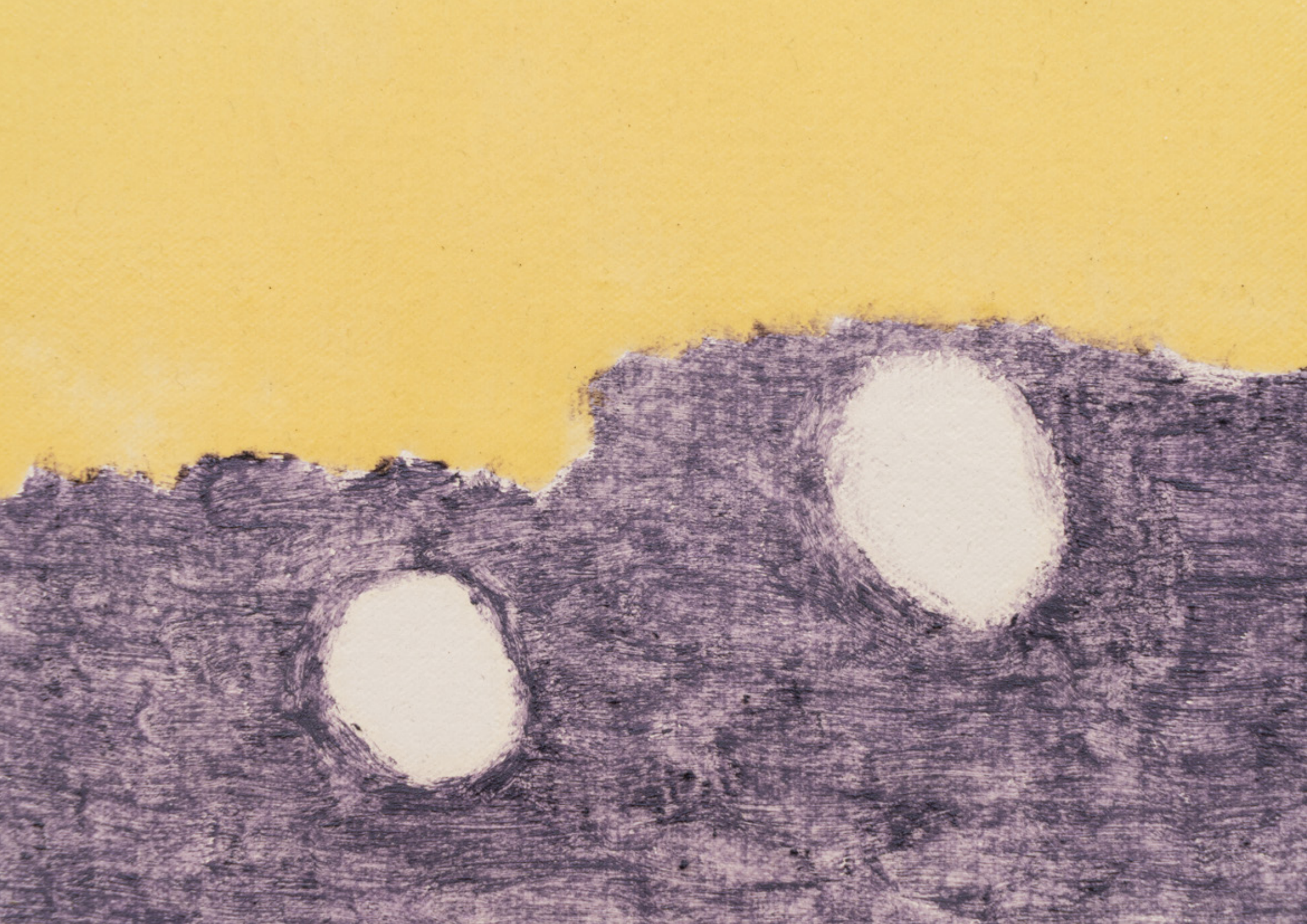
Pequenas alegrias, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
30 x 20 cm





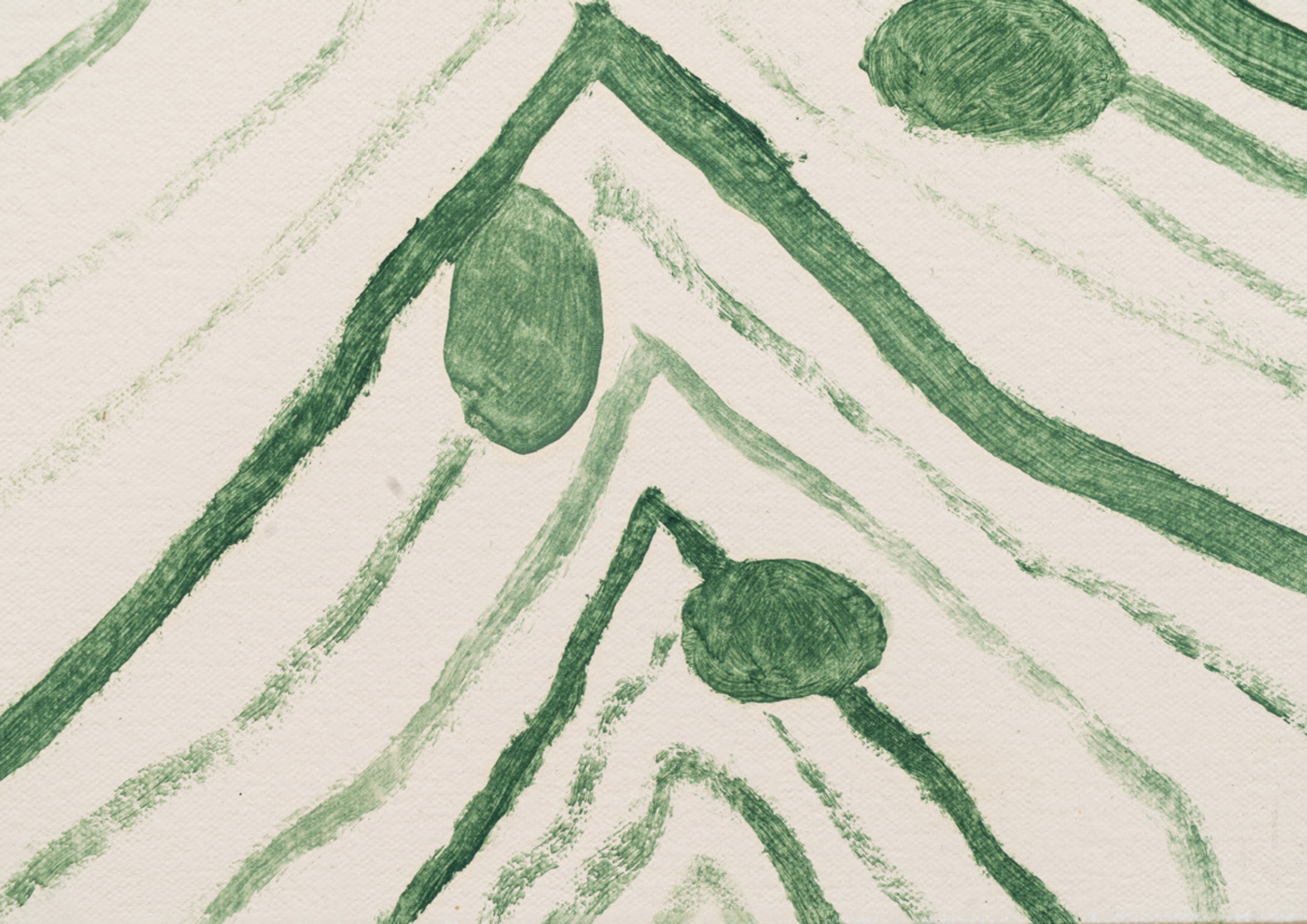


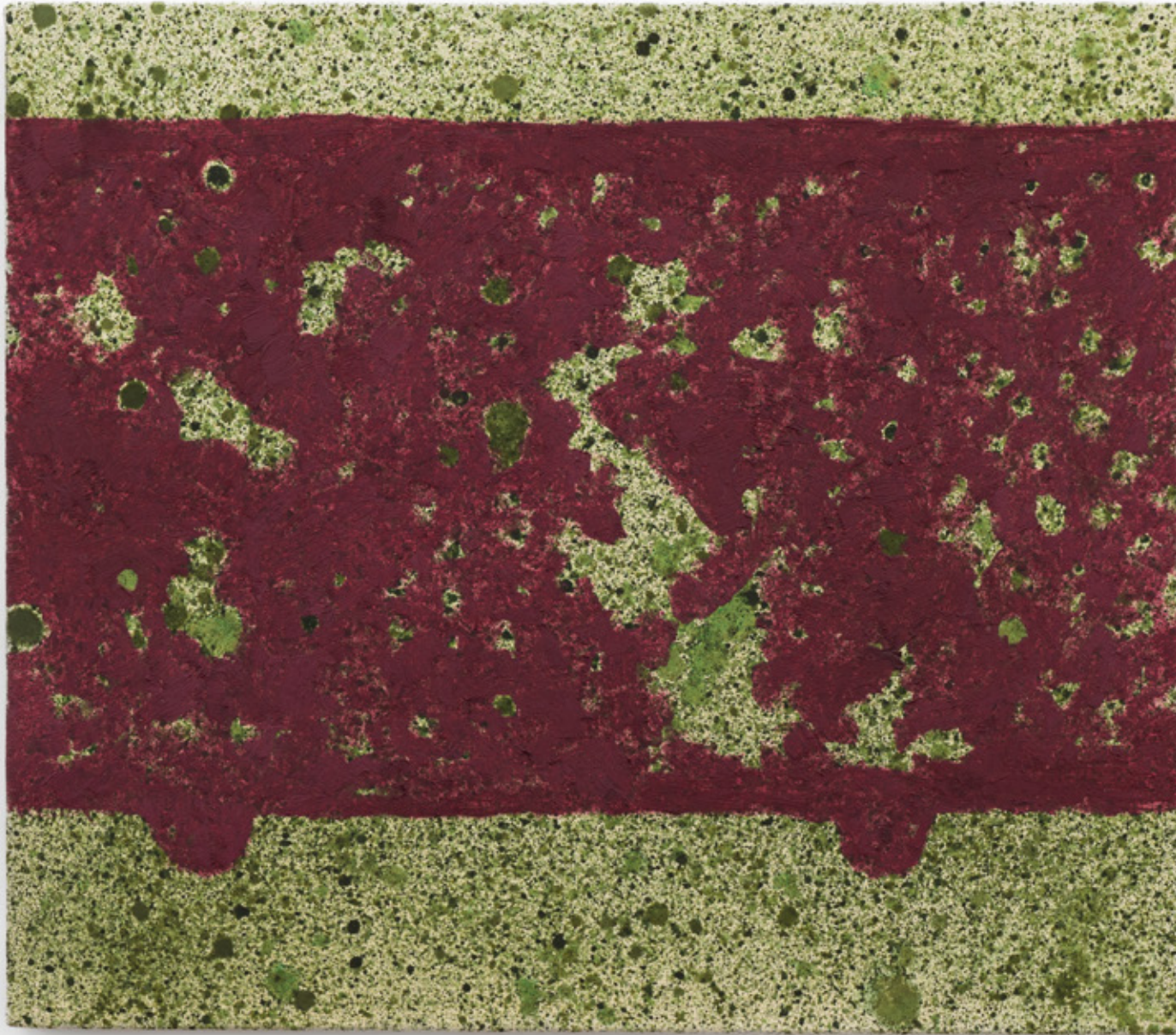
Luar, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
30 x 20 cm



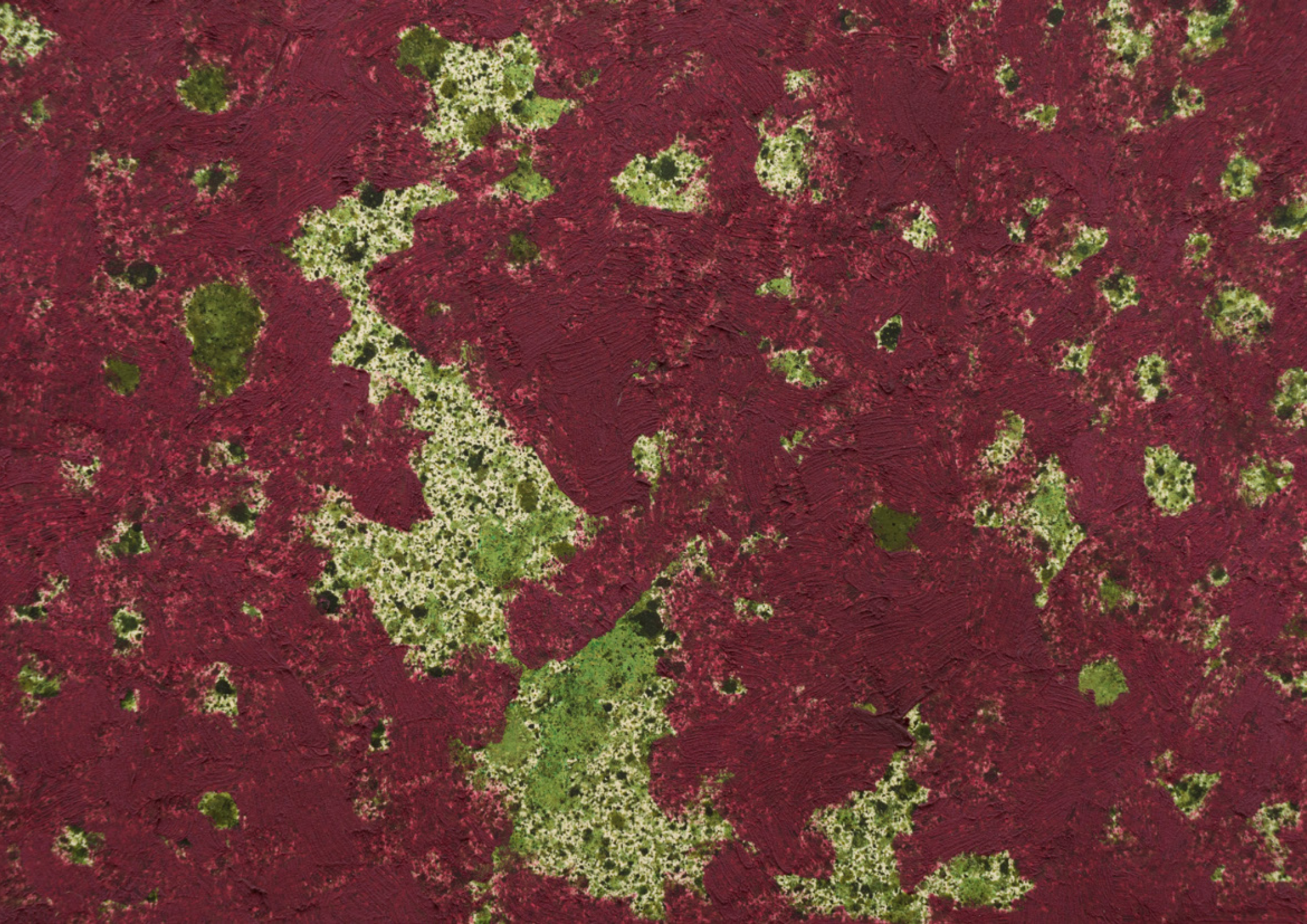


Aquele verde, 2023
tinta óleo sobre tela
30 x 20 cm



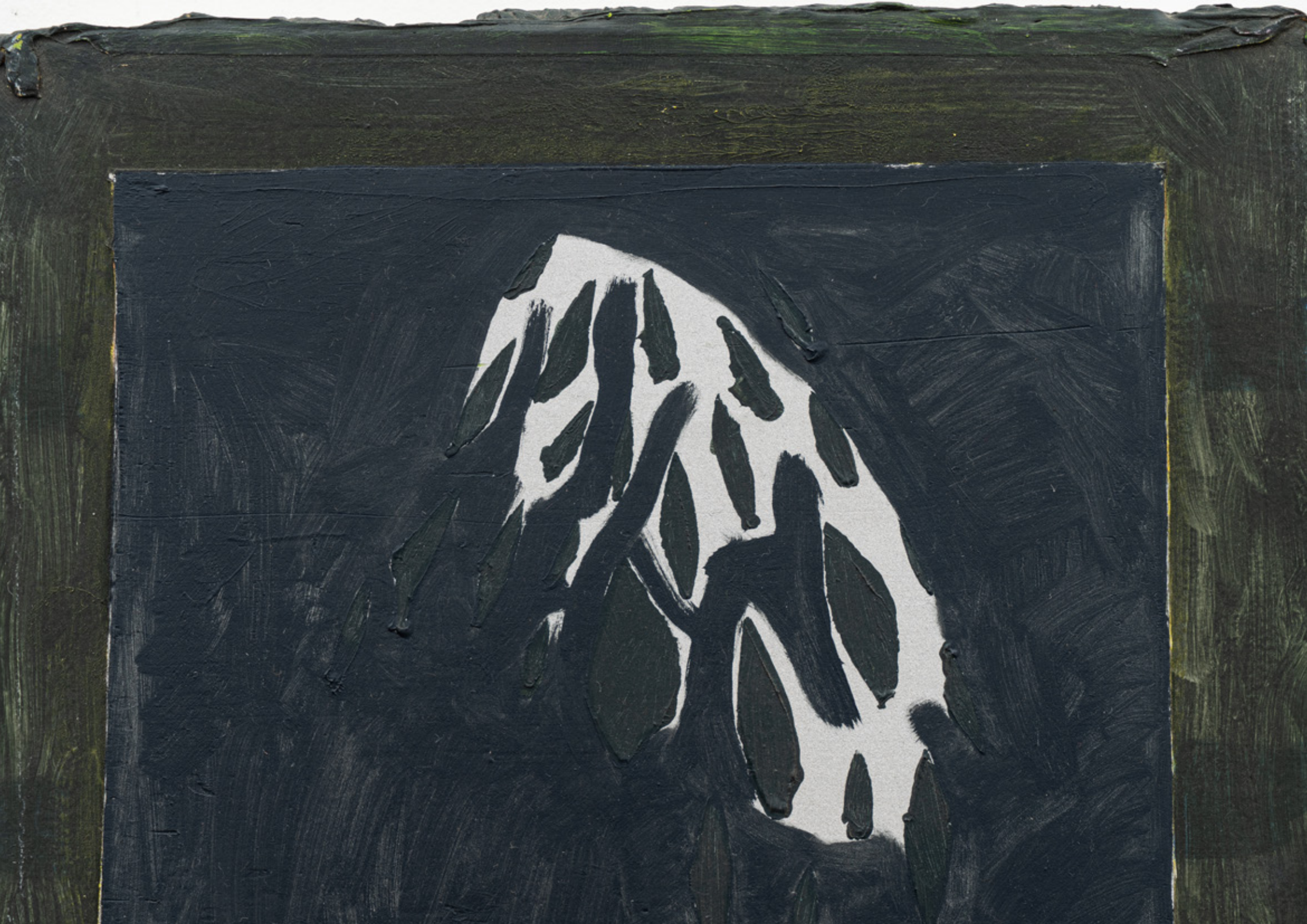


Campo aberto, 2023
tinta óleo sobre tela
35 x 40 cm



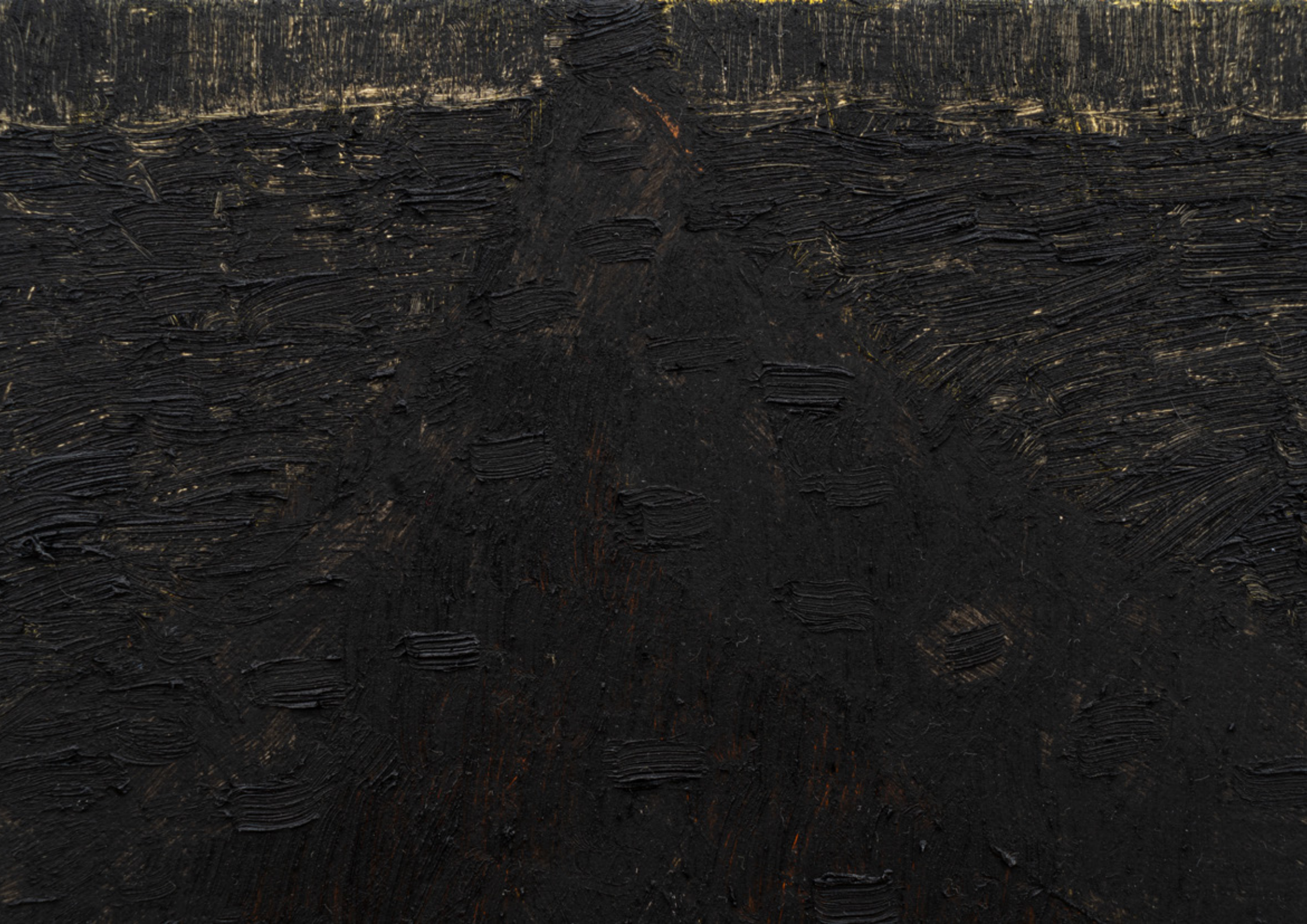


Noturna, 2023
tinta óleo sobre tela
30 x 20 cm





Monocromo paisagem, 2023
tinta óleo sobre tela
30 x 20 cm





Janela, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
30 x 20 cm



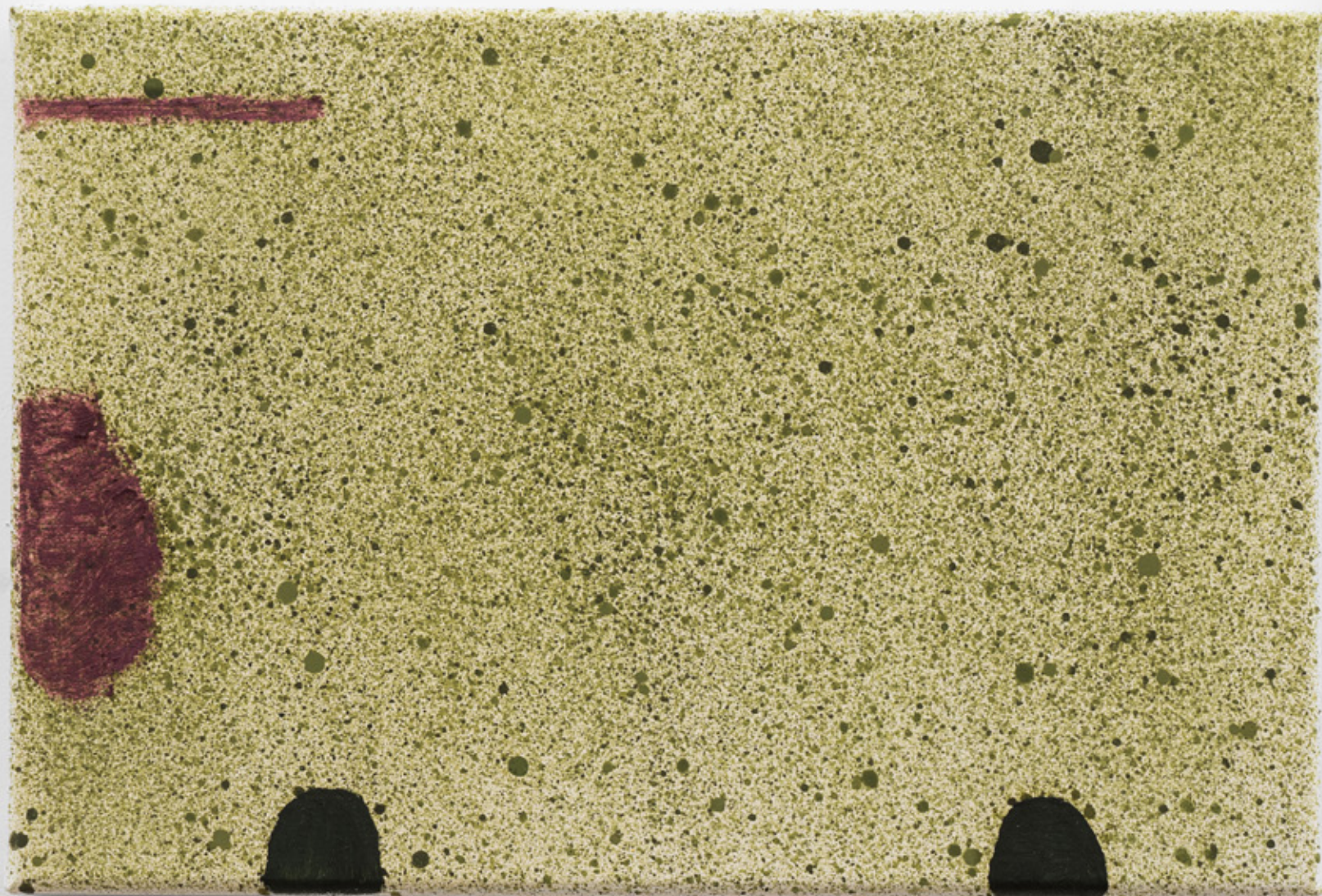


Nuvem, 2023
tinta óleo sobre tela
30 x 20 cm

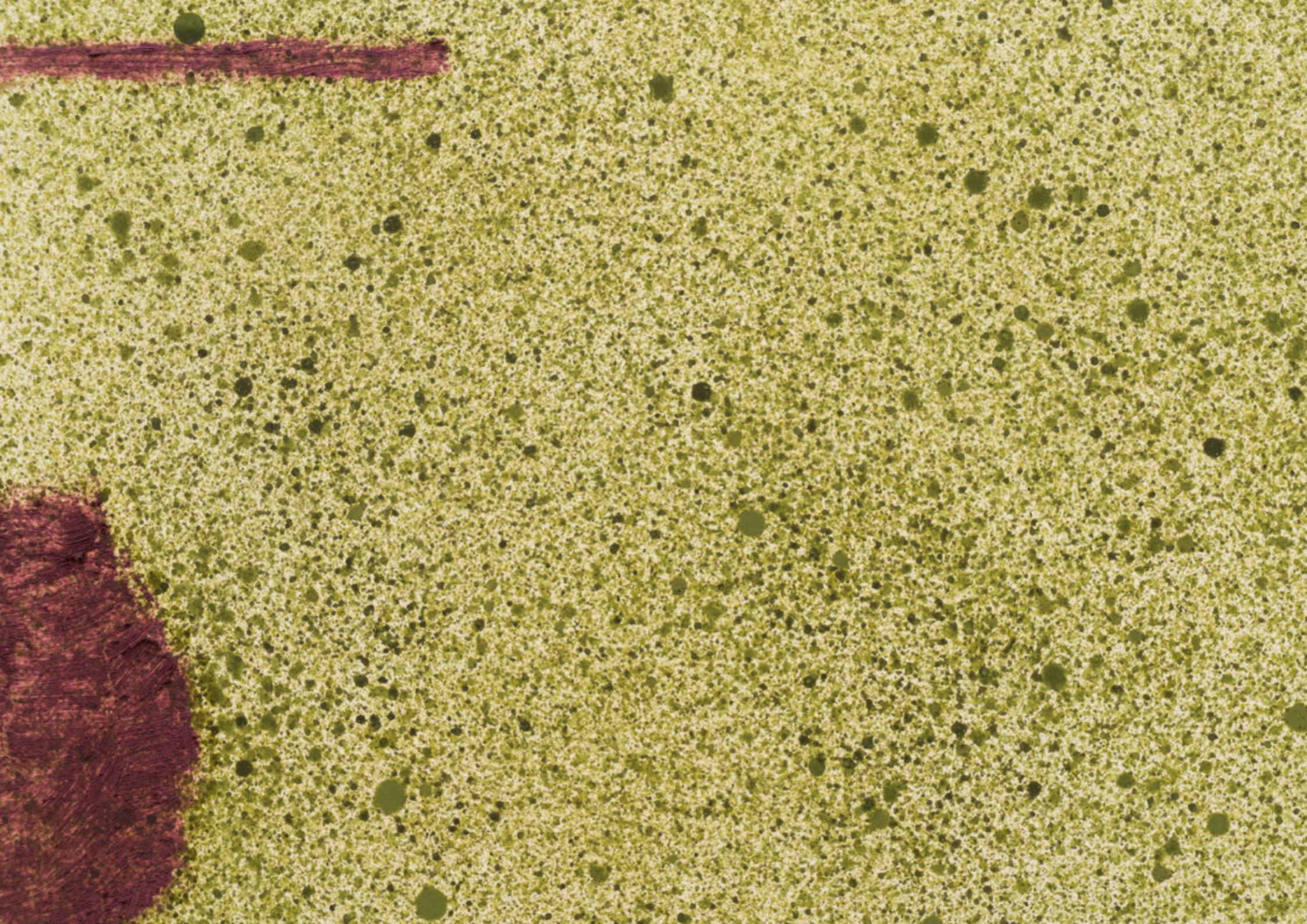




Cafona, 2023
tinta óleo sobre tela
30 x 20 cm



Pasto, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
20 x 30 cm





Passagem, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
30 x 20 cm





Papel amassado, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
30 x 20 cm





Xerox, 2023
tinta óleo e gel espessado sobre tela
30 x 20 cm



bruno dunley

n. 1984, Petrópolis, Brasil

vive e trabalha em São Paulo, Brasil

No universo pictórico de Bruno Dunley, promessas são constantemente feitas e quebradas, distendendo os limites da visualidade. Seu trabalho explora a pintura não apenas como técnica de figuração expressiva, mas busca refletir sobre a própria especificidade do meio, principalmente no que diz respeito à sua materialidade e função representativa na tradição artística. Dunley é um dos expoentes da nova e proeminente geração de pintores brasileiros e um dos fundadores do Grupo 2000e8. O coletivo de jovens artistas foi criado em São Paulo devido a um interesse compartilhado pela pintura e pela vontade de desenvolver um pensamento crítico sobre a técnica na contemporaneidade.

O processo de Dunley parte de composições rigorosamente construídas que passam por correções e alterações graduais e cuja função é revelar as lacunas e lapsos da percepção visual. Frequentemente, uma única cor predomina na superfície, o que gera uma postura meditativa diante do trabalho. Contudo, há a busca crescente por configurações mais agressivas, expressivas e contrastadas, por cores vibrantes. Em sua prática, a temática é sempre dúplice: o artista pinta influenciado pelo encontro com imagens cotidianas, assim como pelo estudo aprofundado do campo pictórico. Ambas convergem, porém, no uso pronunciado dos códigos dessa linguagem. Gestos, planos e cores fazem a representação emergir mais como um alfabeto, um território comum, em que o processo de feitura sempre está presente.

[clique para ver o cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Clouds*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2023)
- *Virá*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2020)
- *The Mirror*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2018)
- *Dilúvio*, SIM Galeria, Curitiba, Brasil (2018)
- *Ruído*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2015)
- e Centro Universitário Maria Antonia (CeUMA), São Paulo, Brasil (2013)
- 11bis Project Space, Paris, França (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *The rains are changing fast*, The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA (2024)
- *Aberto 02*, Casa Vilanova Artigas, São Paulo, Brasil
- *Mapa da estrada: novas obras no Acervo da Pinacoteca de São Paulo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2022)
- *Entre tanto*, Casa de Cultura do Parque (CCP), São Paulo, Brasil (2020)
- *Triangular: Arte deste século*, Casa Niemeyer, Brasília, Brasil (2019)
- *Al-5 50 ANOS – Ainda não terminou de acabar*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2018)
- *139 X NOTHING BUT GOOD*, Park – platform for visual arts, Tilburg, Países Baixos (2018)
- *Visões da arte no acervo do MAC USP 1900–2000*, Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil (2016)
- *Deserto-modelo*, 713 Arte Contemporâneo, Buenos Aires, Argentina (2010)

coleções selecionadas

- The Hekscher Museum of Art, Huntington, EUA
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art